

Acredito que sim e que tal resposta já foi encontrada por certo número de comunidades pentecostais.

Uma analogia com o amor romântico pode nos ajudar a situar melhor o ponto. Sem um intenso elemento emocional, a vida amorosa perderia muito do seu encanto; mas se esse elemento se tornar hegemônico, em prejuízo de fatores cognitivos e volitivos como a compreensão mútua e a determinação de manter e enriquecer o relacionamento, este terá, com certeza, vida curta. Diversos pensadores contemporâneos, como Erich Fromm em "A Arte de Amar", Rollo May em "Amor e Vontade, de forma especial, Denis de Rougemont em "O Amor e o Ocidente" e no ensaio "A Crise do Matrimônio Moderno", chamaram a atenção para a insensatez de confundir o "verdadeiro amor", fundado na razão e no compromisso voluntário, com a paixão romântica, efêmera por sua própria natureza. "A paixão - escreve de Rougemont - penetra a nossa história como um vôo através da beleza e do amor infinitos, mas às

expensas do amor verdadeiro em si mesmo. Ao mesmo tempo que exalta, deprime as suas vítimas; criou para a humanidade toda uma literatura às custas de uma certa moralidade; e nos dias de hoje, em sua forma popular, benigna e adocicada, influi sobre milhões de casamentos, aos quais, em virtude de sua própria natureza, logo destruirá" (ensaio citado, em A. M. Krich (org.) "Anatomia do Amor", Ed. Bruguera, Rio de Janeiro, s/d).

O que é que todos esses autores estão dizendo? Que a emoção, subordinada à razão, pode ser algo extremamente valioso na vida; contudo, se colocada como prioridade, tornar-se-á destrutiva. Afirmção que vale para a esfera religiosa tanto quanto para a área conjugal.

E, com isso, acredito, está respondida também a segunda das questões acima.

Zenon Lotufo Jr. é Pastor da IPI, Pós Graduado em Ciências Sociais e Professor de Recursos Humanos e Relações Humanas na PUC.

End.: Rua Juazeiro, 178
01253-030 São Paulo - SP

PENTECOSTALISMO E QUESTÕES TEOLÓGICAS

Rev. Rui Josgrilberg

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

As considerações que se seguem são o resultado de uma comunicação oral durante o simpósio sobre o pentecostalismo promovido pelo Conic, Mofic e outras entidades ecumênicas, em agosto de 1995. Praticamente reproduzimos a comunicação feita. A idéia não foi a de uma reflexão teológica exaurida nas fontes mais autorizadas, mas a de o testemunho de uma pessoa envolvida com a reflexão teológica que manifesta suas reações e opiniões espontâneas como leitor preocupado com o tema. Por outro lado, essas fontes de caráter propriamente teológico não são muito abundantes. Extranhamente não tem havido um esforço, proporcional à magnitude social do fenômeno pentecostal, no sentido de entendê-lo como uma expressão de fé e do cristianismo necessitando ser iluminado pela razão teológica, não menos que outros temas ou questões teológicas contemporâneas. Trata-se de um assunto sobre o qual pouca coisa se produziu em termos de teologia, a maioria dos trabalhos tratando de desenvolver a perspectiva das ciências sociais. O tema sob o ponto de vista teológico na academia sofre ainda de dificuldades e

preconceitos, carece de melhor estruturação, de melhor elaboração conceitual e de uma definição a respeito da natureza da linguagem e do discurso utilizado nas expressões de fé e nas doutrinas pentecostais. Porém, não sendo especialista das ciências sociais, e mesmo não dispondo de uma bibliografia teológica alentada sobre o assunto, não podemos deixar de reconhecer algumas perplexidades como leitor. E falando apenas como leitor perplexo vou me permitir algumas provocações. Mesmo tratando de algumas implicações histórico-sociais quanto às origens do pentecostalismo, nosso foco de atenção estará mais voltado para os fundamentos teológicos do mesmo.

Um fenômeno religioso como o pentecostal tem atraído estudiosos de todas as áreas de pesquisa em ciências humanas. É um dos temas mais pesquisados nos cursos de pós-graduação em áreas de correlação entre teologia e sociologia, ciências sociais e religião, comportamento religioso e psicologia, etc. Apesar dos tremendos avanços e o impressionante número de títulos sobre o assunto (em 1987 um pesquisador norte-americano listou, não exaustivamente, mais de dez mil títulos!), não são poucas as

dificuldades, as obscuridades, os enigmas e equívocos persistentes. Como não posso deter-me em muitas de minhas interrogações provenientes da leitura dos especialistas, farei referência apenas a alguns pontos que parecem implicar mais diretamente questões teológicas. Face à magnitude do fenômeno pentecostal na Igreja do séc XX, cremos que vê-lo somente como um fenômeno de ordem sociológica ou psicológica é um equívoco indesculpável. No Brasil, os teólogos quando falam sobre o assunto usualmente repetem algumas teses sociológicas e históricas, casualmente com algumas incidências teológicas que mais ressaltam a omissão que um reconhecimento teológico real da questão. Após estas observações, proponho-me a tratar de três pontos: primeiro, o mito teológico-histórico que se construiu a respeito das origens do pentecostalismo; em segundo lugar, o sentido do paradigma teológico da doutrina especificamente pentecostal; e por fim, a questão da falta de concreção histórico-social deste paradigma.

ORIGENS E IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS

Primeiramente, a questão das origens do pentecostalismo. Parece-me que a tendência de tecer mitos a respeito de origens não poupou os estudos do movimento pen-

tecostal. Alguns historiadores, mesmo alguns dos melhores, e dos pioneiros que levantaram as fontes mais importantes, perceberam uma conexão do movimento pentecostal com o movimento metodista do séc. XVIII e o fundador do movimento metodista, João Wesley, clérigo da Igreja Anglicana, Fellow na Universidade de Oxford, onde ensinou grego, leitor de grego na mesma universidade, lecionou lógica, etc. Ao iniciar o movimento metodista e com a criação das sociedades metodistas, como tantas outras na Inglaterra, não pensava separar-se da Igreja Anglicana. Após sua morte veio a inevitável separação. Porém, não são poucos os enganos e ambiguidades que se sucederam. Em especial quando se tem em mente o quadro geral de origem e o modo particular em que se dá a influência wesleyana. Não nos satisfazem, do ponto de vista estritamente da pesquisa, as explicitações do modo, do conteúdo e natureza da influência que é atribuída ao pensamento de João Wesley, ou mesmo, ao movimento metodista. O problema está em que, se não distinguimos o teor próprio da contribuição metodista no movimento pentecostal e se não a colocamos no quadro do protestantismo americano (com suas múltiplas denominações e movimentos sectários) do século passado e começo deste, contribuímos mais para a mitologização das ori-

gens que para o seu real esclarecimento científico. A escuta de alguns dos melhores especialistas americanos e europeus do movimento metodista e seus vínculos com o pentecostalismo nos convenceram que aí temos uma questão que precisa, pelo menos, uma investigação mais ampla e mais atenta.

As origens do pentecostalismo tem sido tratada de modo reducionista a um ponto que um conhecido pesquisador do assunto, Frei Cartaxo Rolim, começou um de seus livros com uma afirmação que não deixa dúvida para o leitor: "O fundador do movimento pentecostal foi João Wesley" (cf, o livro "*O que é Pentecostalismo*", da coleção Primeiros Passos, n. 188, da Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987). Não satisfeito, tece os fios históricos até Joaquim de Fiori, sem nenhuma palavra para qualificar ou relativizar a conexão histórica assumida. Na verdade essas generalizações são pouco esclarecedoras. Soa para mim, mais ou menos como afirmar que Lutero é o fundador do pietismo alemão ou dos radicais anabatistas da Reforma, pois são frutos do protestantismo e, segundo o raciocínio embutido na afirmação, se Lutero foi o maior líder e teólogo protestante, ele deve ser a origem esclarecedora destes movimentos do tempo da Reforma. Historiadores mais recen-

tes procuram ampliar o quadro das origens do pentecostalismo e elucidar a questão mais de perto. As afirmações sobre as conexões históricas com os metodistas e com João Wesley existem, são reconhecidas, mas sem maiores esclarecimentos ou detalhes, navegamos em obscuridades tanto quanto remontar a origem do pentecostalismo a Lutero, por este ter sido o líder da Reforma ou a Joaquim de Fiori por propor uma idade do Espírito como sendo o tempo da Igreja. Em primeiro lugar, não se pode exagerar nas raízes históricas do pentecostalismo sem se observar, ao mesmo tempo, que se trata de fenômeno típico do séc XX, oriundo do pietismo e movimentos de santidade norte-americanos, e associados com algumas doutrinas particulares (Martin E. Marty, um teólogo e historiador de Chicago, diz que o pentecostalismo traz a patente 'Made in América!'). A situação prévia à eclosão do movimento tornou-se generalizada em várias regiões do país, entre os protestantes americanos do séc XIX. E seria uma outra incorreção histórica originar os movimentos de santidade no inglês João Wesley, pois ele mesmo os tomou de fontes inglesas anteriores a ele, alemãs, holandesas, e místicos europeus em geral do séc XVI e XVII. Parece-me muito mais coerente com o todo, buscar as origens da eclosão

pentecostal no quadro amplo do protestantismo americano do séc XIX, de onde emergiram as teses e as doutrinas tipicamente pentecostais. Essa parece-me ser a matriz real do movimento pentecostal como fenômeno espiritual e fenômeno social do séc XX, centrado na glossolalia e em doutrinas escatológicas, passando pela busca e mediação da vida santificada.

Um dos maiores estudiosos contemporâneos do movimento pentecostal, sob o ponto de vista histórico-teológico, é sem dúvida o americano Donald Dayton, professor de Teologia e Ética no Northern Baptist Theological Seminary, em Chicago. Editor de uma importante coleção de obras sobre o assunto, ele tem se preocupado em corrigir esses reducionismos e, com rigor e equilíbrio, tem conseguido acertar mais o foco da questão. Outra grande fonte de estudos nessa direção são as Universidades de Duke e Fuller Theological Seminary, que reúnem as melhores bibliotecas sobre o assunto e alguns dos melhores historiadores do assunto. Além destes, há que se considerar a Universidade de Chicago (um dos centros geradores do pentecostalismo nos EUA) e a biblioteca particular de Donald Dayton (cerca de 5000 títulos sobre o tema).

Porém, se devemos corrigir, não se deve menosprezar a influência metodista. Dayton vê a relação do

movimento wesleyano com o pentecostalismo em dois itens principais: como um movimento de santidade que, ao lado de outros movimentos da mesma natureza, teve imensa repercussão no protestantismo norte-americano; e, mais especialmente, através de um colaborador de Wesley, que desenvolveu algumas doutrinas que o próprio Wesley e o movimento metodista não aceitaram. Trata-se do Rev. John Fletcher (Jean de la Flechière), de origem suíço-calvinista, que se opunha à doutrina da predestinação e, por isso, passou a colaborar com Wesley na Inglaterra. Fletcher defendeu por um período, a doutrina de uma segunda bênção. Esta seria um batismo especial do Espírito Santo seguida de manifestações especiais que acompanham e se seguem a esse batismo.

Wesley defendeu judiciosamente a doutrina da santidade e da perfeição cristã valendo-se de fontes patrísticas e da mística cristã e recusou a identificação que Lutero fez entre justificação pela fé e a santificação. Para Wesley a primeira é condição para a segunda, mas não sua realização. Mas discordou cristalinamente de Fletcher quando este assumiu a idéia de um segundo batismo. Para Wesley, há um só batismo e o Espírito é dado no batismo uma só vez. Alguns importantes historiadores vêem a

conexão teológica do pentecostalismo com o metodismo através de uma derivação teológica nas idéias de John Fletcher. Mesmo que Wesley e o movimento metodista tenham claramente rechaçado este ponto de vista de Fletcher, a sua influência, nestes pontos particulares influenciou alguns na Inglaterra e a muitos nos Estados Unidos. Não se pode ignorar que duas discípulas de Fletcher, Hester Ann Rogers e Phoebe Palmer ('santidade é poder') exerceram uma influência marcante e podem ser consideradas como possíveis raízes doutrinárias do pentecostalismo. Seus livros e autobiografias tiveram grande circulação entre grupos avivalistas americanos. Estudos estão sendo feitos sobre a influência de Fletcher e de suas seguidoras como criadoras das imagens típicas do pentecostalismo e de suas doutrinas a respeito do batismo do Espírito, línguas e profecias. Os estudos de Dayton e Thymoty Smith são aqui os mais relevantes. Concretamente: a conexão do movimento metodista com o pentecostalismo se dá através de uma vertente que não é, de modo nenhum, típica do metodismo, exceção feita à doutrina da santidade de coração e de vida. Os metodistas tiveram uma grande presença nos movimentos avivalistas do séc XIX. Mas, evidentemente o metodista foi apenas parte do movimento reavivalista norte-americano e indubitavelmente teve uma

larga influência na origem do pentecostalismo. Mas, trata-se de um fenômeno avivalista tipicamente americano, muito abrangente, que atingiu todas as denominações protestantes e cujos maiores líderes não eram metodistas (Finney, Moody, Torrey, e seus sucessores). É certo que os metodistas, nessa época, foram promotores importantes dos 'camp meetings' que se espalhou nos EUA e favoreceu manifestações entusiasmadas. Mas, novamente, temos que, por precisão histórica, reportarmos ao quadro geral dos movimentos avivalistas americanos do séc XIX. Não podemos esquecer que é o grande painel que dá sentido aos pequenos pedaços de mosaicos, como lembra o grande historiador francês Fernand Braudel.

Os próprios pentecostais reconhecem que a influência de Wesley foi mais especificamente na doutrina de santidade de vida e de coração, expressão que Wesley usa muitas vezes. *A Afirmação de Fé*, da Pentecostal Fellowship of North América, declara: "Durante a Reforma Deus usou Martinho Lutero e outros para restaurar a doutrina da justificação pela fé para o mundo (Rm 5,1). Depois Deus usou os irmãos Wesleys e outros no grande movimento de santidade para restaurar o evangelho da santificação pela fé (At 26,18). Depois ele usou vários outros para restaurarem o evangelho da cura divina pela fé (Tg 5,14-15), e o

evangelho da segunda vinda de Jesus (At 1,11). Agora o Senhor está usando muitas testemunhas em um grande movimento pentecostal para restaurar o evangelho do batismo com o Espírito Santo e com fogo (Lc 3,16; At 1,5) com os sinais que lhe são próprios (Mc 16,17-18; At 2,4; 10,44-46; 19,6; 1,1-28,31). Graças a Deus, agora temos pregadores do "evangelho pleno". Essa citação parece-me situar bem a questão. Lutero e Wesley contribuíram com a renovação de grandes doutrinas historicamente sempre presentes de um modo ou de outro, a justificação pela fé e a santificação. O típico do pentecostalismo, o batismo do Espírito Santo, a glossolalia e outros sinais taumatúrgicos, o pré-milenarismo, têm origens diversas e mais complexas.

Dayton concorda que há uma contribuição Wesleyana específica na doutrina da santificação. Porém, o metodismo tomado isoladamente não é matriz-origem do pentecostalismo. Esta, repetimos, deve ser buscada no protestantismo norte-americano tomado por grandes correntes avivalistas no séc XIX. Trata-se muito mais de uma cultura protestante norte-americana de origens bastante complexas, que geraram, a partir da fronteira oeste, e no século passado a construção do mundo urbano, os movimentos avivalistas. No séc XX ele se apresentará como um fenômeno pentecostal com sinais caracterís-

ticos e de natureza urbano recente. A origem wesleyana do pentecostalismo deve ser relativizada em alguns casos ou matizada em outros, como faz Dayton. Outros fatores devem ser considerados para que a compreensão do fenômeno não seja deslocada. As doutrinas da segunda vinda, o pré-milenarismo, cura divina e batismo do Espírito Santo têm outras fontes que a metodista. Observa Dayton que, o fato de Wesley referir-se, muito raramente, à segunda vinda, ou uma referência isolada à cura divina, não torna Wesley o inspirador do pentecostalismo. Outros foram mais incisivos nestes assuntos. E nenhum especialista em estudos wesleyanos tomaria essas ênfases como algo típico de Wesley ou do movimento metodista. Para Dayton, a influência metodista na origem do pentecostalismo tem sido erroneamente descrita ou superestimada (overstated).

PARADIGMA TEOLÓGICO SIMPLES E O CONCEITO DE ORTODOXIA COMO EVANGELHO PLENO

A doutrina pentecostal tem quatro pilares. Popularmente esses pilares são expressos (conforme as palavras de A. B. Simpson, um de seus grandes líderes) como quatro atos de Jesus: 'Jesus, salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura e Jesus virá outra vez'. Usou-

se a expressão evangelho pleno e evangelho quadrangular para este resumo teológico distintivo. Esta ênfase na segunda pessoa da Trindade (unitarismo evangélico) não é comum a todos os grupos pentecostais. As ênfases variam na concepção da graça (a graça opera em estágios) ou na ênfase em um ou outro aspecto da santificação, ou ainda no modo de cura divina, ou de exorcismo, ou de línguas estranhas. Entretanto, é surpreendente a unidade em torno dos quatro pilares. É claro que se trata aqui do pentecostalismo que se formou a partir do início do século e não dos movimentos neo-pentecostais, que têm uma matriz completamente diferente. As afirmações de Fé do pentecostalismo tradicional inclui:

1. Salvação pela fé e assistência da graça no processo de santificação.
2. Batismo e derramamento do Espírito;
3. Sinais de poder e de dons especiais (línguas, cura divina, expulsão de demônios, profecias, são os mais apreciados).
4. Segunda vinda, com novo derramamento do Espírito e pré-milenarismo. Urgência escatológica e encurtamento do tempo. Nas ênfases escatológicas há que se incluir o fato de que as realidades caducas do tempo presente já foram vencidas e que cabe ao cristão

viver antecipadamente esta ordem espiritual e vencer o mundo e suas concupiscências.

Estas são as quatro doutrinas pentecostais que formam o núcleo de uma afirmação de fé distintiva. Nos demais pontos, o pentecostalismo apresenta as mesmas doutrinas do protestantismo clássico, apesar das interpretações bastante diferentes, como, por exemplo, no caso da inspiração bíblica ou da forma de recepção da revelação.

Queremos chamar a atenção para a importância que teve no pentecostalismo a constituição daquilo que podemos chamar de uma 'ortodoxia pentecostal interna' em torno dos quatro pontos. De certo modo, a mesma coisa é afirmada por Dayton, em seu livro *Theological Roots of Pentecostalism*, The Scarecrow Press, Metuchen e London, 1987. Esta ortodoxia pentecostal simplificada é defendida a partir de alguns textos bíblicos, facilmente apontados na Bíblia, especialmente em Atos e Lucas. Aqui temos uma das grandes forças do movimento pentecostal, do ponto de vista doutrinário. Trata-se, porém, de uma ortodoxia que não deixa problematizar suas bases (que poderia ser desenvolvida através de interpretações, polissemia, natureza simbólica do discurso, etc). A teologia pentecostal se desenvolve a partir daí. Isto traz uma clareza e uma firme-

za aos fiéis, em termos de algumas doutrinas, que o protestantismo clássico e o catolicismo não têm. Enquanto as Igrejas históricas desenvolvem sua teologia problematizando os seus fundamentos, rediscutindo continuamente a natureza da revelação, sua relação com a razão e com a história, descobrindo os relativismos culturais, etc, a ortodoxia pentecostal simplesmente afirma como condição de fé a credibilidade não questionável dos princípios do "evangelho pleno". O discurso protestante histórico já incorporou em todas as suas expressões um 'mas' e um 'se' que se interpõem entre a palavra pregada e a palavra ouvida. Entre a ortodoxia simplificada do evangelho pleno do pentecostal e a ortodoxia problematizada do protestantismo histórico e do catolicismo, a resposta do povo favorece a primeira. A ortodoxia problematizada pressupõe a possibilidade de outro discurso, a polissemia de conceitos fundamentais e a necessidade de verificação. A pregação aparece no contexto de hermenêuticas possíveis. No que lhe é específico quase que podemos falar de uma única e exclusiva hermenêutica pentecostal. A dúvida e a diversidade de interpretação são coisas com as quais o protestante e o católico já aprenderam a conviver. Com isso ganha-se em consciência e perde-se em efetividade histórica

no que diz respeito à aceitação do conteúdo daquilo que cremos e pregamos.

Nas afirmações de fé e nas obras de teologia pentecostais sabe-se muito bem o que é e o que não é aquilo que distingue o pentecostal do não pentecostal. A recorrência dos quatro pontos aparece de uma forma ou de outra.

Além do exemplo já citado acima, da Afirmação de Fé da Associação Pentecostal da América do Norte, nas Profissões de Fé de Igrejas pentecostais brasileiras, do mesmo modo, os pontos base do "evangelho pleno" são salientados de forma a não deixar nenhuma dúvida. O documento "**Profissão de Fé das Assembléias de Deus: Verdades Fundamentais**", publicado em apêndice ao volume 4 dos Cadernos de Pós-graduação em Ciências da Religião, de março de 1985, por W. J. Hollenweger, é elucidativo. Assim, o quarto parágrafo trata da salvação pela graça que possibilita alcançar o "lacre da regeneração". Este, diz o parágrafo, é "nascido do Espírito". A salvação é vista como algo a ser alcançada, desenvolvida e possuída, como uma dádiva do Espírito. O batismo é um sinal importante desse lacre e deve ser realizado sob a forma específica: a expressão "batismo nas águas" é seguida do aposto explicativo: "imersão". A salvação é uma certeza do crente

que recebeu o lacre e o batismo. O parágrafo sétimo afirma que "o batismo do Espírito Santo é uma experiência distinta". Nem todos o recebem, mas todos têm o direito de buscá-lo, pois a promessa do Pai é para todos. Trata-se de experiência da Igreja primitiva que se repete hoje também e com o qual vem o "revestimento do poder do alto"; é através do batismo do Espírito Santo que dons especiais são repartidos na Igreja; só através dele é que alcançamos o "ministério completo", que faz progredir a Igreja. Entre estes dons está o dom de cura divina. O falar em línguas merece um artigo à parte. O parágrafo oitavo atesta que o batismo do Espírito Santo deve ser acompanhado de sinais: "falar outras línguas, segundo o Espírito, dá de falar" (At 10, 46-47; 11,15-17). O parágrafo seguinte afirma a santificação, identificada como "um padrão de vida" e como observação da "vontade de Deus" e como "obedecer à sua Palavra". O décimo primeiro parágrafo testemunha que os que crêem, pela fé, podem alcançar cura divina. Porém, esclarece-se, isso não é motivo "para combater ou desprezar a ciência ou a medicina". O décimo segundo parágrafo afirma a fé "na aparição de Jesus Cristo, o qual virá dos céus a fim de estabelecer o Reino milenar, conforme a promessa bíblica."

Faremos três observações sobre estes pontos da ortodoxia interna do pentecostalismo:

1) Em todos os artigos específicos da fé pentecostal adquire lugar proeminente a experiência e os sinais visíveis. A salvação é experiência da certeza do "lacre da regeneração" e deve ser acompanhada de verdadeiro arrependimento e do batismo pelas águas. A santificação é visível no padrão moral de vida e de obediência a preceitos escriturísticos. O batismo do Espírito Santo é uma forte experiência do poder do alto com os sinais visíveis de línguas estranhas. A experiência da cura divina demonstra a eficácia dos dons especiais do Espírito e o poder do nome de Jesus Cristo. A segunda vinda e o milênio são profecias com imagens visíveis claras: Jesus Cristo descerá dos céus, com alarido e voz de trombeta com a manifestação do poder de Deus na ressurreição dos mortos e no arrebatamento dos santos. Então virá o milênio quando haverá ainda exercício de poder dos santos juntos com Cristo.

2) Podemos reconhecer com relativa facilidade que aquilo que se ganha de um lado, neste caso, perde-se do outro. A redução do centro de interesse a uma meia dúzia de pontos e o evitar hermenêuticas diferentes encurta o alcance das análises teológicas. Este fato

é também apontado por Dayton. É necessário buscar novas articulações teológicas a fim de que o sentido mais profundo das doutrinas básicas apareçam com maior clareza e plenitude. O alcance da análise teológica deve ter a possibilidade de confrontar distintas hermenêuticas sem necessariamente tratar apologeticamente os pontos de vista divergentes. Ou, usando uma expressão mais técnica, o cânon dentro do cânon sofreu no pentecostalismo uma redução drástica. Para que seu sentido real apareça é necessário vê-lo num campo mais vasto de doutrinas e de articulações teológicas. Nesse contexto reduzido do 'cânon no cânon' torna-se difícil encontrar um espaço e uma abertura para o ecumênico ou um relacionamento mais profundo com Igrejas que não assumem os pontos da ortodoxia interna ao pentecostalismo. Hoje observa-se a construção de pontes e ensaios de ampliação na concepção da diversidade de modos de presença do Espírito que favorece, senão o ecumenismo (com o pleno reconhecimento do outro como Igreja, apesar de diferenças), pelo menos o relacionamento e a participação de Igrejas pentecostais em programas comuns. Apesar da recusa explícita do movimento ecumênico no plano doutrinário e ideológico (especialmente quando o nome do Conselho Mundial de Igrejas ou da Igreja Católica estão

envolvidos), na prática tem havido uma progressiva participação pentecostal em entidades ecumênicas.

3) No quadro de uma teologia trinitária onde o Espírito Santo tende a concentrar nele a noção de poder e dinamismo, manifesta-se a tendência de se relegar a segundo plano aspectos fundamentais da realidade. O privilégio da dimensão do Espírito na ação da Trindade provoca um desequilíbrio das dimensões encarnadas da realidade humana, dos dons naturais e do próprio sentido da criação para o presente e, escatologicamente, em seu sentido e relevância para a gestação da nova criação.

A reflexão teológica sobre as bases do pentecostalismo deverá, paradoxalmente, assumir um caráter mais amplo através da incorporação de elementos não pentecostais. O paradoxo provém do fato de que começam a se delinear possibilidades hermenêuticas fora do estrito quadro fundamentalista da análise bíblica. E, se de um modo geral, o movimento pentecostal firmou-se numa tradição fundamentalista onde a letra e não a interpretação é fator determinante, a influência de outros modelos de reflexão vem criar as condições que o próprio teólogo pentecostal precise. Isto para a flexibilização e a diversidade hermenêutica que venha, por fim, favorecer os fatores mais importantes e mais profundos do próprio movimento pentecostal.

A QUESTÃO DA ARTICULAÇÃO DA TEOLOGIA COM A PRÁXIS SOCIAL

O ponto três a que nos referimos acima, aponta para uma outra dificuldade que abordamos aqui. A tendência de valorizar unilateralmente o espiritual e suas relações em torno da pessoa e de condutas pessoais e familiares revela um embaraço muito visível quando se trata de articular o político e o social com o teológico. Falta-lhe passagens e modos claros de como se inserir no social. Poderíamos falar aqui da tendência para abstrair determinadas realidades da totalidade. Essa abstração em relação ao todo diminui-lhe a capacidade de concretude e de abrangência do social. Aqui temos um ponto onde diferem bastante a matriz wesleyana e a pentecostal em relação à teologia. Wesley e os metodistas não desenvolveram um 'cânon no cânon'. A falta dessa configuração doutrinária claramente definida acabou favorecendo a Wesley que se moveu rapidamente de uma ortodoxia anglicana do séc. XIX, nesse sentido, também abstrata, para uma concretude social. A própria doutrina da santidade foi atingida por essa abrangência. Wesley declarou muitas vezes a natureza social da fé cristã e da santidade pessoal. Em um de seus sermões afirma que "basta a san-

tidade social", como reconhecimento da interdependência da santidade com o todo.

Entretanto, se o pentecostalismo desenvolveu uma concepção abstrata do social, reforçada por preconceitos contra o político como lugar de corrupção e malignidade, a sua presença e visibilidade social no mundo e especialmente no Brasil atingiu proporções que passaram a exigir uma reformulação ou, pelo menos uma nova interpretação do social à luz das doutrinas fundamentais do 'evangelho pleno'. A proporção numérica dos pentecostais em relação aos protestantes de um modo geral fez com que aumentasse em muito a responsabilidade social. Os Pentecostais começaram a ter uma visibilidade social e política que não tinham antes (observa J. Bittencourt Filho, que Francisco Julião reafirmou várias vezes que as lideranças de suas ligas camponesas vieram de quadros populares de Igrejas pentecostais). Passaram a deter um poder nas mãos que não permite mais uma atitude de distanciamento ou omissão. Provam-no o número de candidatos pentecostais nas últimas eleições. Se os pentecostais não buscaram a abrangência social e histórica por si mesmos, então é a própria concretude histórica que bate às portas. Esse fato cria novas necessidades do ponto de vista de elaboração

teológica à medida que pronuncia-mentos, opções políticas, parti-cipações em outros organismos po-líticos e sociais, etc. vão aconte-cendo.

Alguns observadores do fenô-meno pentecostal têm mostrado que as mudanças e articulações novas, a nível de participação so-cial estão exigindo também mu-danças e reflexões sobre suas con-cepções teológicas.

Conclusão

As Igrejas pentecostais come-çam a produzir e a traduzir obras teológicas no Brasil. As traduções de obras teológicas mostram pre-ferência por autores pentecostais e não pentecostais do começo do século que vêm positivamente a base dos quatro pontos menciona-dos. Algumas obras de presbite-rianos e batistas americanos estão sendo reeditadas. São ainda pou-cos os teólogos pentecostais que ousam escrever obras particular-mente teológicas. Os seminários pentecostais são relativamente re-centes no Brasil. Mas, estamos, sem dúvida no aguardo de produ-ção teológica própria de autores pentecostais brasileiros. O surgi-

mento de interlocutores deverá facilitar a compreensão teológica do fenômeno pentecostal, bem como a mútua influência também sob o ponto de vista teológico. Em várias partes do mundo nasce essa preocupação com o pentecostalis-mo e que, segundo alguns estudi-osos talvez seja um dos três ou quatro acontecimentos da Igreja no séc XX que deverá fazer parte obri-gatoriamente dos manuais de his-tória eclesiástica, com melhores elucidções sobre as fontes e o sen-tido das afirmações teológicas dis-tintivas do pentecostalismo, além dos tradicionais enfoques das ciên-cias sociais. A mútua elucidção poderá ser um dos fatores mais fortes na evolução do movimento pentecostal (no momento em que começa no Brasil sua produção de perfil mais teológico) bem como ajudar a sua melhor compreensão por parte de teólogos de outras tradições.

Rev. Rui Josgrilberg é Doutor em Ciências da Religião na França, e Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.
End.: Caixa Postal 5151
09731-970 S. Bernardo do Campo - SP

PENTECOSTALISMO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS PASTORAIS

P. Oneide Bobsin

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Foi-me solicitado pela Comis-são organizadora deste seminário uma síntese das palestras e das dis-cussões decorrentes delas, com o objetivo de abrir pistas para a dis-cussão em grupos cujos resultados pudessem constituir em pontos de partida para um diálogo com o pentecostalismo em suas múltiplas manifestações. Tendo isto em vis-ta, a minha exposição fora coloca-da entre uma série de palestras num enfoque interdisciplinar e o traba-lho em grupo que teve como alvo a elaboração de um documento para as Igrejas filiadas ao CONIC.

Como síntese em busca de pis-tas pastorais, o presente texto não reflete a riqueza de dados coloca-dos pelas palestras e as questões pastorais levantadas no debate e nos trabalhos em grupos.

As exposições proporcionaram uma visão complexiva de pentecos-talismo e suscitaram muitas per-guntas na perspectiva teológico-pastoral. Desta forma, o que no início parecia um diálogo truncado entre os conteúdos das palestras e as perguntas pastorais um tanto imedialistas veio a se constituir numa riqueza em termos de análi-se e de perspectivas para um possí-

vel diálogo com os pentecostais. Indubitavelmente, o diálogo entre as ciências humanas e as interro-gações da teologia e da pastoral é tão difícil quanto dar passos ecu-mênicos entre as Igrejas históricas e o pentecostalismo. Contudo, é no mapeamento das dificuldades do diálogo entre linguagens com "có-digos" diferentes que se delineiam caminhos para uma aproximação motivada pelo respeito ao diferente.

No horizonte da busca do co-nhecimento do "outro diferente", a contribuição das ciências sociais, especialmente da antropologia, tem sido muito importante. Tanto a antropologia quanto a história das religiões nos ajudam a derrubar muros, cercas e preconceitos para que se possa ver a riqueza do "ou-tro diferente", no caso o pentecos-talismo em suas múltiplas manifes-tações. Da mesma forma, o diálo-go com o diferente poderá realçar características desconhecidas do "nosso lado". Nestas perspectivas, as Igrejas podem lançar mão das ciências humanas como instrumen-tos que favorecerão o ecumenis-mo. Precisamos nos reconhecer no "outro".

Para que isto possa acontecer é fundamental a crítica aos resíduos de uma evangelização colonizado-